

PROFESSOR, ABRA SUA MENTE, ALUNO TAMBÉM É GENTE! SILENCIAMENTOS NAS ATIVIDADES ESCOLARES

Gilvanei de Oliveira Souza (UESB)

gilvaneisouza55@hotmail.com

André Luiz Faria (UESB)

O ensino de língua portuguesa no Brasil se mostra eficiente apenas em tese. Os PCN são o respaldo máximo para um ensino produtivo. No entanto, o professor tem se mostrado, voluntária ou involuntariamente, um propagador de práticas de fechamento, em que o aluno é constantemente submetido a um processo de ensino-aprendizagem pautado em discursos e interpretações previamente elaborados, que vetam sua participação como um indivíduo ativo nesse processo. Tal prática invalida o principal objetivo que os PCN atribuem ao ensino de língua portuguesa: o desenvolvimento da competência comunicativa. Retirou-se desse aluno o poder de contrapalavra às atividades de interpretação, uma vez que tem cabido a ele apenas o papel de repetidor das leituras já elaboradas e aceitas, que adentram as salas de aula, por meio do professor e dos livros didáticos. O presente trabalho tem por objetivo discutir o papel do professor como um agente cerceador do discurso nas mais diversas atividades passíveis de interpretações na sala de aula. Para atingir o referido objetivo, tomamos como base alguns *insights* dos textos “Língua e ensino: políticas de fechamento”, de Maria Cecília Mendonça, e “Oralidade política e direitos humanos”, de Anna Christina Bentes, para a análise de textos retirados de livros didáticos recomendados pelo MEC. A realização do referido trabalho está vinculada ao Programa Institucional de Iniciação à Docência (PI-BID) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, no subprojeto “O continuum língua oral – língua escrita no ensino fundamental”. Em resumo, trataremos das possibilidades de interpretações desses textos e discutiremos alternativas voltadas para a criação de sugestões que poderão minimizar o silenciamento do aluno em sala de aula.